

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS

Láisy Oliveira Costa De Lima

A INFLUÊNCIA ÁRABE NA PENÍNSULA IBÉRICA E NA LÍNGUA PORTUGUESA

BRASÍLIA
2022

LAÍSY OLIVEIRA COSTA DE LIMA

A INFLUÊNCIA ÁRABE NA PENÍNSULA IBÉRICA E NA LÍNGUA PORTUGUESA

Trabalho apresentado à Universidade de Brasília
como requisito para obtenção do título de
licenciada em Língua Portuguesa e Respectiva
Literatura.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Jane Adriana R. O. de
Castro

BRASÍLIA

2022

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a minha mãe, por todo apoio e compreensão, por acreditar no meu potencial e por batalhar ao meu lado todos os dias.

Agradeço também aos meus amigos pelo companheirismo, pelo incentivo e pela força que sempre me deram.

Em especial a minha professora e orientadora, pela ajuda e paciência no momento em que mais precisei.

Às pessoas com quem convivi ao longo desses anos de curso, que me incentivaram e que certamente tiveram impacto na minha formação acadêmica.

E a todos aqueles que contribuíram, de alguma forma, para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho tem por intuito fazer uma análise da influência árabe na Península Ibérica e na Língua Portuguesa, abordando o contexto histórico desde a antiguidade até a atualidade. Discorreremos sobre a história da Península Ibérica desde seus primórdios, comentando sobre conflitos entre os invasores celtas, fenícios e gregos, passando pelo processo da romanização e depois pelas invasões bárbaras, até chegarmos na invasão dos mouros em 711 d.C. Destacaremos a origem dos povos árabes e suas intervenções culturais em diversas áreas, buscaremos demonstrar suas intervenções linguísticas na península e também sua influência cultural no Brasil.

Palavras-chave: Península Ibérica; influência árabe/muçulmana; língua portuguesa.

ABSTRACT

This study aims to make a brief analysis of the Arab influence in the Iberian Peninsula and in the Portuguese language, approaching the historical context from antiquity to the present. We will discuss the history of the Iberian Peninsula since its beginnings, commenting on conflicts between the Celtic, Phoenician and Greek invaders, going through the process of Romanization and then the barbarian invasions, until we reach the invasion of the Moors in 711 AD. We will highlight the origin of the Arab peoples and their cultural interventions in different areas, we will seek to demonstrate their linguistic interventions in the peninsula and also their cultural influence in Brazil.

Keywords: Iberian Peninsula; Arab/Muslim influence; Portuguese language.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. HISTÓRIA DA PENÍNSULA IBÉRICA	
2.1. Península antes dos Romanos	08
2.2. Península Romanizada	09
2.3. Invasão Árabe	12
3. INFLUÊNCIA ÁRABE	
3.1. Cultural	14
3.2. Linguística	15
3.3. No Brasil	18
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	19

1. Introdução

Este trabalho objetiva apresentar a influência árabe na Língua Portuguesa. Para isso, precisamos remontar ao passado e mostrar uma visão de formação cultural e linguística, mais especificamente, da Península Ibérica.

A Península Ibérica é há muito tempo habitada. Foram seus primeiros habitantes os iberos, conhecimento que se tem devido a vestígios arqueológicos e relatos de época, mas nada documentado. Há cerca de mil anos antes de Cristo, povos de origem celta também começaram a habitar a região. A partir daí, também chegaram os fenícios e os gregos.

Os romanos entraram em duas grandes levas de invasão. Isso gerou consequências linguísticas indeléveis. O período de expansão do Império Romano no ocidente foi marcado pela propagação de sua cultura e pela aculturação e assimilação cultural das populações dominadas, o chamado processo de romanização.

Os povos bárbaros, visigodos, suevos, vândalos etc., também invadiram e trouxeram para a península as línguas germânicas e sua organização social mais simplificada.

Por fim, os árabes muçulmanos invadem a península pelo Estreito de Gibraltar – do sul ao norte, a partir de 711. Em 716, estavam com praticamente toda a península sob seu domínio, exceto as regiões ao norte – os reinos de Leão, Aragão e Castela. Por conta de conflitos árabes internos, o movimento da Reconquista ganhou força e, aos poucos, os reinos cristãos recuperaram seus territórios. Em 1492, com a conquista do reino de Granada, o domínio árabe chegava ao fim.

Por permanecerem por cerca de oito séculos na Península Ibérica, os árabes deixaram influências de diversas formas. Influências estas que deixaram marcas definitivas no ocidente, como traços de sua cultura, que mais tarde chegariam à América trazidos pelos espanhóis e portugueses.

No Brasil, tivemos ondas de imigração vindas de várias partes do globo. Os árabes começaram a desembarcar aqui no séc. XIX, quando esse fluxo imigratório cresceu e passou a se tornar importante.

2. História da Península Ibérica

2.1. Península antes dos Romanos

Pouco se sabe sobre os primeiros povos que habitavam a Península Ibérica, mas algumas teorias sustentam que, a partir do ano 5 mil até o ano 3 mil a.C., os iberos chegaram à região. É daí que surge o nome da península. Os iberos não tinham apenas uma liderança, mas várias. Eles viviam em tribos no sudeste da península, com autonomia e autoridades próprias.

Milênios depois, chegaram os celtas, também organizados em múltiplas tribos. Esses povos foram denominados celtas pelos gregos, que enxergaram diferentes povos com culturas semelhantes como se fossem os mesmos. As guerras travadas entre as próprias tribos celtas foi um fator que contribuiu para que essas migrações acontecessem. A aliança contra os romanos desses dois povos assimilados deu origem aos celtiberos. A romanização e cristianização das terras habitadas pelos celtas os levou à decadência.

No séc. VIII a.C., foi a vez dos fenícios. Povos navegadores e comerciantes originários do atual Líbano e da zona costeira de onde hoje se situa a Síria. Para alguns estudiosos, os fenícios apenas construíam postos comerciais que se limitavam à aquisição e embarque da prata rumo ao Mediterrâneo oriental. Para outros, os estabelecimentos fenícios eram verdadeiras colônias, ou seja, centros urbanos inseridos num território que controlavam e exploravam, garantindo assim sua subsistência e criando riqueza própria. Sua principal atividade comercial era o armazenamento da prata e de outros metais.

Os gregos chegaram um pouco depois, em 630 a.C. Eles fundaram algumas cidades e colônias, mas não tinham o intuito de dominar, apenas de expandir seu comércio. Eram concorrentes comerciais dos fenícios.

Em 238 a.C., de Cartago, litoral norte da África – atual Túnis, vieram os cartagineses. Povos que eram fenícios (púnicos), e tornaram-se uma grande potência econômica independente. Após perder a primeira Guerra Púnica para os romanos, os cartagineses invadiram a Península Ibérica procurando por prata para pagar sua dívida a Roma. Comandados pelo general Amílcar, e mais tarde, por Asdrúbal, esses povos foram invadindo, conquistando e expandindo seu poder no território peninsular.

Os romanos, forte potência no ocidente europeu, preocupados com a possível invasão de Roma pela via continental da península, impuseram a Asdrúbal o chamado Tratado do Ebro. Este foi o tratado que fixou o rio Ebro, na Península Ibérica, como a fronteira entre os dois poderes, Roma e Cartago. Porém, com a morte de Asdrúbal, seu filho Aníbal assumiu o poder e descumpriu o acordo selado entre as potências.

2.2. Península Romanizada

A romanização da Península Ibérica começou em 218 a.C. em decorrência da guerra contra os cartagineses, com a ocupação da costa catalã. Porém, revelou-se lenta e difícil, principalmente nas regiões noroeste e centro da península que só foram conquistadas em 27 d.C., pois eram dominadas por povos como os celtiberos e os lusitanos, que demonstraram grande resistência à ocupação romana. Por isso, só pôde ser considerada uma província autônoma em 216 d.C, cerca de 400 anos depois da chegada dos romanos à península. A conquista definitiva de todo o território peninsular acontece apenas em 19 a.C. Em 216 d.C., tempo do Imperador Caracala, a região noroeste recebeu o nome de *Gallaecia et Asturica* (nomes derivados dos galécios e astures).

Com o estabelecimento dos romanos na Hispânia, denominação que deram à Península Ibérica, são criadas três províncias onde são construídas cidades, estradas e pontes, criando um novo modo de vida estruturado e hierarquizado. O surgimento de cidades ligadas através de uma rede de estradas e aquedutos, e a pacificação dos territórios contam-se entre as mais importantes heranças deixadas pelas invasões romanas.

Durante a romanização, a Península Ibérica passou por três divisões administrativas: a primeira subdivisão, separava a península em duas partes, a Hispânia Ulterior (sul e oeste) e a Hispânia Citerior (norte e leste); a segunda subdivisão, separava a península em três partes: a província Tarraconense (Citerior), e as províncias da Bética e da Lusitânia (Ulterior), esta última tem uma correspondência próxima com o atual território português; e a terceira e última subdivisão se deve a romanização do noroeste, quando foi criada a província *Gallaecia et Asturica*. Com a presença do Império Romano, diluíram-se as fronteiras tribais e de clã, abriram-se novas rotas comerciais e impôs-se uma unidade social que não existia.

Os costumes e as técnicas romanas foram propagados por legionários (soldados romanos), agricultores e comerciantes. O processo de romanização implicou a difusão do latim, do direito e da cultura romana. Os principais agentes da romanização foram: os soldados, que constituíam família com as mulheres nativas e generalizaram o modo de vida romano; os comerciantes e agricultores, que exerceram a sua atividade junto aos acampamentos militares; a criação de clientelas locais; e a urbanização romana.

O exército romano foi um dos pilares da romanização. Sabe-se que eles não penetraram na península pela via dos Pirineus, ou seja, pela via europeia. Passando por Cartago, na parte oriental do norte da África, caminharam até a parte ocidental e entraram pelo Estreito de Gibraltar, encontrando resistência por parte dos povos que lá habitavam: iberos, lusitanos, celtas e os povos celtiberos.

Partindo para análise da língua na península, pode-se dizer que havia duas principais regiões romanizadas: a Bética, totalmente latinizada, linguística e culturalmente, tendo, portanto, um latim mais conservador; e a Tarraconense, rota obrigatória para os legionários, colonos e mercadores, que, por isso, era a porta de entrada para as inovações linguísticas, neologismos e estrangeirismos, sendo assim menos conservadora. A Lusitânia e a *Gallaecia et Asturica* sofriam influências da Bética.

A decadência do império Romano resultou, no caso da Península Ibérica, na falta de pessoal para administrar tão vasto império. Os desentendimentos eram cada vez maiores entre os próprios romanos, que permaneceram na Península do séc. III a.C. ao séc. V d.C. Com o fim do Império Romano no ocidente (476 d.C.), termina a Idade da Civilização Ocidental ou da Antiguidade Clássica, dando início à Idade Média.

Neste período de grande instabilidade e confusão, iniciou-se a invasão de grupos germânicos que tinham sido deslocados dos seus territórios. Esta grande invasão consistiu numa movimentação contínua e demorada.

Nesta fase, os povos que entraram no império eram oriundos de diferentes paragens (vândalos, suevos, alanos etc.) e não encontraram grande resistência por parte das tropas romanas. Os bárbaros entraram nas províncias romanas para fugir dos Hunos e não encontraram uma forte oposição organizada. Mas, quando chegaram à linha dos Pireneus, depararam-se com exércitos constituídos pelos servos ao serviço dos proprietários desses grandes latifúndios.

Dentre os povos bárbaros, os hunos foram os mais violentos e ávidos por guerras e pilhagens. Eram nômades e excelentes criadores de cavalos. Como não construíam casas, viviam em suas carroças e também em barracas que armavam nos caminhos que percorriam. A principal fonte de renda dos hunos era a prática do saque aos povos dominados. Espalhavam o medo por onde passavam, eram extremamente violentos e cruéis com os inimigos. O principal líder deste povo foi Átila, o líder huno responsável por diversas conquistas em guerras e batalhas.

A mistura da cultura germânica com a romana formou grande parte da cultura medieval, pois muitos hábitos e aspectos políticos, artísticos e econômicos permaneceram durante toda a Idade Média. A Idade Média teve início na Europa com as invasões bárbaras, no século V, sobre o Império Romano do Ocidente. Essa época estende-se até o século XV, com a retomada comercial mais abrangente e o renascimento urbano. A Idade Média caracteriza-se pela economia ruralizada, o enfraquecimento comercial, a supremacia da Igreja

Católica, o sistema de produção feudal e a sociedade hierarquizada. Centros de saber aos poucos se organizaram sob Carlos Magno (s. VIII-IX), germens das futuras universidades.

Os principais invasores de origem germânica foram: os francos, que se estabeleceram na região da atual França e fundaram o Reino Franco; os suevos, que invadiram e habitaram o noroeste da península; os vândalos, que estabeleceram-se na Península Ibérica e, posteriormente, no norte da África; os alanos; e os visigodos, que se instalaram na região da Gália, Itália e Península Ibérica e eram os mais romanizados de toda a Europa, a ponto de serem cristãos. O cristianismo torna-se de fato a religião do Império romano em 380, com Teodósio.

Entre 407 e 408, a Hispânia manteve a sua defesa, enquanto as tribos bárbaras vagueavam pela Gália. Contudo, em 409, a pressão aumentou sobre as forças que defendiam os Pireneus. Apesar disso, não foram os bárbaros, mas os romanos que atacaram e aprisionaram os defensores, abrindo caminho às hordas de bárbaros que invadiram e saquearam a Península Ibérica.

Os visigodos vinham da Europa Oriental, mas representavam já uma segunda geração romanizada. Este povo chegou em 415 à região tarraconense como aliado dos romanos. Os godos pagaram o direito de ocupar a terra da Hispânia, com a obrigação de guerrear com outros bárbaros que ali se tinham instalado. Mediante um tratado com os romanos, instalaram-se numa parte da Península Ibérica e no sul da Gália. A sua intervenção veio contribuir para agravar o clima de violência vivido no séc. V, ao envolverem-se com outros povos germânicos que estavam a chegar nestes territórios.

Os vândalos disputavam com os suevos a posse de algumas regiões montanhosas no norte, mas voltaram para o sul, passando por uma grande parte daquilo que veio a ser o território português, até chegarem à Mérida. Em 426, eram senhores da Bética. Contudo, a fome obrigou-os a atravessar Gibraltar em 429. Os alanos, alguns vândalos e os fugitivos restantes, que foram derrotados pelos visigodos, juntaram-se aos suevos, que se mantinham no noroeste da península.

Quando o rei visigodo, Witiza, morreu em 710, os notáveis do reino queriam que o seu sucessor fosse seu filho, Áquila, porém, a nobreza queria que o seu rei fosse Rodrigo. Houve um confronto entre os dois grupos e Rodrigo venceu. Os partidários de Áquila, derrotados, pediram ajuda militar aos chefes muçulmanos do norte da África e prometeram, em troca, o tesouro do reino. Em 27 de abril de 711 desembarcou em Gibraltar um exército comandado por Tariq. Era o fim do Império Visigodo na Península Ibérica e o início do domínio árabe.

2.3. Invasão Árabe

A civilização árabe teve sua origem no Oriente Médio, numa península entre a Ásia e a África cuja área abrange cerca de um milhão de quilômetros quadrados, mas apenas uma pequena parte dessa área serve para a agricultura, a maior parte é coberta por vastos desertos. No fim do século VI, os árabes viviam em tribos, sem um Estado centralizado. Era comum que essas tribos, que viviam basicamente do comércio, lutassem pela liderança de rotas comerciais e atacassem caravanas que levavam artigos do oriente para serem comercializados no Mar mediterrâneo ou no Mar Vermelho. A grande ampliação dos domínios árabes deu início a expansão muçulmana, impulsionada principalmente pela religião islâmica iniciada pelo profeta Maomé no século VII.

O profeta Muhammad ibn Abd Allah percorreu, como guia de caravanas, o Egito, a Palestina e a Pérsia, conhecendo novas religiões, como o judaísmo e o cristianismo. Após sua morte, em 632 d.C., os domínios árabes expandiram-se por toda a Península Arábica e, em 645 d.C., os califas, sucessores do profeta, já dominavam a Síria, a Palestina, o Egito e a Líbia. Eles expandiram seu comando por toda a África do Norte no fim do século VII. Em pouco mais de cem anos, os árabes conseguiram estender sua língua, religião e poder político.

No início do século VIII, o general Tariq Ibn Ziyad e seu exército atravessaram as *Colunas de Hércules*, então redenominada Gibraltar (de Jabal-Tāriq, “a montanha de Tārique”), ponto estreito de ligação entre o Mar Mediterrâneo e o Oceano Atlântico, chegando à Península Ibérica e vencendo o último rei da Hispânia Visigoda, Rodrigo, na Batalha de Guadalete. Eles se instalaram na Península por muitos anos, até sua expulsão em 1492.

O avanço muçulmano na Península Ibérica foi favorecido por alguns fatores, a crise político-religiosa da monarquia visigoda foi um deles. Eles conseguiram conquistar toda a península em apenas 5 anos. Durante o domínio árabe, o território passou a se chamar Al-Andalus. De acordo com Castilho,

“por volta de 710, a monarquia visigótica entrou em séria crise, registrando-se lutas entre católicos e arianos, nortistas bascos e sulistas visigodos. O Conde Julião, visigodo, abre as portas de Ceuta aos árabes e pede uma expedição que tome a Península Ibérica” (CASTILHO, p. 21).

Costa (2006) afirma também que “a Hispânia visigótica vivia envolta em lutas dinásticas e revoltas populares. As degradantes condições sociais e econômicas a que o povo estava sujeito, fomentavam um clima de opressão e desigualdades crescentes”. Segundo o

autor, na religião, professava-se um cristianismo com visão antitrinitária, contrário às concepções da liturgia romana. Ao mesmo tempo em que a minoria judaica era vítima de grande hostilidade e repressão. Entende-se, então, a aceitação por parte da população de um novo poder político.

Castilho ressalta ainda que, com a chegada dos árabes, os remanescentes hispano-godos, que falavam um romance bastante inovador, se comparado ao romance moçarabizado do sul, foram obrigados a fugir para o norte, onde fundaram diversos reinos. Destes reinos surge o movimento da Reconquista.

Os reinos cristãos da Ibéria foram formados entre a chegada e a expulsão dos árabes. Foi nesse período também que surgiram as línguas românicas na península, a partir do romance provindo do latim. Os árabes ficaram 552 anos em Portugal e só foram definitivamente expulsos depois de um acordo entre os reinos de Algarves e Castela.

Silveira (2009) afirma que por meio do convívio e trocas culturais entre cristãos, judeus e muçulmanos desde a Idade Média, pode ser estabelecida a diversidade cultural europeia. O intercâmbio cultural entre os seguidores das três religiões monoteístas, cristianismo, judaísmo e islamismo, constituíram a diversidade cultural na Península Ibérica Medieval. No entanto, Silveira reitera que a divisão da Península Ibérica em duas partes (cristã ao norte e muçulmana ao sul) não pode servir como única explicação para a formação cultural desta região.

A partir do ano de 1008, ainda que a efervescência cultural estivesse à tona na Península Ibérica Medieval, ocorreu a deterioração do califado de Córdoba, sucedendo, assim, ao enfraquecimento do islamismo. As brigas pela sucessão dinástica e a manifestação de divergentes interesses regionais fez com que o território se fragmentasse em reinos politicamente independentes entre si, os Reinos de Taifas.

Estes reinos originaram conflitos entre si e também com os reinos cristãos. É neste período que se inicia o movimento da Reconquista, liderado pelos reinos cristãos de Aragão, Leão e Castela. Porém, os territórios dominados pelos muçulmanos só foram totalmente reconquistados em 1492, quando Granada foi anexada ao território dos reinos de Castela e Aragão pela força militar.

O movimento da Reconquista, em que os cristãos se opuseram aos muçulmanos pela recuperação dos territórios perdidos, foi lento, mas ganhou impulso no ano de 930 d.C. Com o movimento, o português, o castelhano e o catalão ocuparam os territórios moçárabes indo em direção ao sul, conseguindo assim a expulsão total dos árabes.

Os moçárabes eram cristãos ibéricos que se submeteram ao governo muçulmano em Al-Andalus. Os seus descendentes não se converteram ao Islã, mas adotaram elementos da língua e da cultura árabe. Eles eram católicos romanos de rito visigótico ou moçárabe. O mudéjar, ao contrário, é um árabe que se submete a um governo cristão.

Em 1143, Portugal ganha reconhecimento do Reino de Leão e Castela, no qual o condado de Galiza fazia parte. Nessa divisão política, o galego-português deixou de ser a língua nativa secular do noroeste da península. As duas línguas então, o galego e o português, divergiram e evoluíram separadamente.

3. Influência árabe

3.1. Cultural

A Península Ibérica é uma região cuja ocupação é antiga e por esse motivo sofreu a influência de vários povos na formação de sua cultura. O povo árabe, que praticava o comércio entre o oriente e o ocidente, conheceu vários povos com costumes diversos, dos quais fez uma fusão, originando a cultura islâmica. Cultura esta que foi influenciada por povos tão distintos como gregos, romanos, bizantinos, indianos, persas, egípcios e chineses.

Os mouros foram responsáveis pela criação e organização de várias cidades, sobretudo no sul da península, onde estiveram por mais tempo. Da China, eles trouxeram para a Europa invenções importantes, como a bússola, um dos contributos para o avanço dos conhecimentos náuticos e geográficos em Portugal. Trouxeram também o papel e fundaram na Península Ibérica a primeira fábrica europeia; e a pólvora, que contribuiu para revolucionar as técnicas militares.

Divulgaram conhecimentos matemáticos, filosóficos e científicos, aos quais foram acrescentando novos conceitos de álgebra, medicina, astronomia e aritmética. Na medicina, fizeram progredir o diagnóstico de doenças e seus tratamentos, na matemática, generalizaram o uso dos algarismos como os conhecemos hoje e introduziram o conceito no número zero. Na geografia, desenharam mapas e descreveram regiões desconhecidas pelos europeus. Na astronomia, pela observação e pelo estudo dos astros, aperfeiçoaram instrumentos como a bússola e seus conhecimentos foram mais tarde aplicados às navegações.

Na agricultura, introduziram o cultivo de novas plantas, tornando a alimentação mais rica e variada com árvores frutíferas - o limoeiro, a laranjeira, a amendoeira, a oliveira, a alfarrobeira - e deram também desenvolvimento na cultura do arroz e na plantação de

grandes pomares (como os figos, as uvas do Algarve e as maçãs de Sintra), reforçando assim a vocação agrícola da região mediterrânea. A influência árabe foi particularmente importante nas plantações e no cultivo, sendo determinante no desenvolvimento de técnicas de captação de água e irrigação do plantio. Suas contribuições também foram notadas na arquitetura e no urbanismo da península, construíram castelos, palácios, mesquitas e bibliotecas.

Toda essa forte herança cultural não foi deixada sem motivo pois, na época, os árabes eram a vanguarda científica do planeta. A engenharia naval e a arquitetura são apenas alguns exemplos da fértil contribuição dos invasores aos futuros impérios mundiais que os espanhóis e os portugueses vieram a estabelecer. Além disso, estilos musicais como o fado e o flamenco surgiram sob influência de ritmos e instrumentos árabes - o violão, por exemplo, possivelmente derivou-se do alaúde.

Ademais, as traduções de textos clássicos gregos e latinos feitas por eles proporcionaram a recuperação de boa parte dessas obras para a Europa renascentista, após muitas delas terem se perdido na Idade Média.

3.2 Linguística

A queda do Império Romano do Ocidente, em 476, levou à fragmentação política da província da Hispânia em vários reinos germânicos, comandados, nesta região, por visigodos, vândalos, alanos e suevos, latinizados e cristianizados, o que resultou na dialeção do latim, considerado vulgar, em romances diversos.

Temos, portanto, na Antiguidade, o latim hispânico e, na Idade Média, os romances, falares relacionados ao latim, mas com o qual já não mais se confundiam.

Durante o processo da reconquista, o português incorporou elementos árabes. No séc. XIII, a poesia lírica de inspiração provençal em galego-português nasce e tem grande aceitação. O que assegurou a independência do português em relação ao espanhol foi a forte produção literária dos séculos XVI e XVII. A mudança da corte para o sul da península também foi um fator que muito contribuiu para o afastamento do galego e afirmação do português, falado na capital, Lisboa, e difundido por sua influência cultural.

Apesar da nítida influência árabe na evolução da língua portuguesa e dos inúmeros vestígios que remanescem, é difícil contabilizar esses indícios, pois não há uma listagem completa e consensual dos arabismos na língua, nem mesmo registro daqueles que desapareceram.

Sobre a estimativa dos traços deixados, alguns estudiosos consideram que este número é cerca de 600, outros julgam existir 1000 palavras de origem árabe. Para José Pedro

Machado, são 954 os termos árabes na língua portuguesa. O autor afirma que mais de um terço deles são arcaicos ou desusados e a arabização lexical foi maior na parte sul do que na parte norte de Portugal.

Em seu *Dicionário de Arabismos na Língua Portuguesa*, Adalberto Alves afirma que

a influência da língua Árabe, para além dos seus aspectos evidentes ou visíveis, ou seja, do léxico árabe transposto para o português de forma direta, deve considerar todos aqueles que chegam ao português de forma menos clara, ou “encapotada”, através da tradução de textos Árabes por religiosos cristãos, cuja origem, “por preconceito religioso (...) a hierarquia da Igreja queria apagar” (ALVES, 2013, p. 17).

Dessa forma, segundo Alves (2013), a extensão da influência do árabe no Português deve ser consideravelmente alargada, não só no seu número, que é de 18.073 termos, como também num nível gramatical mais profundo, já que inclui não só substantivos, como adjetivos, verbos, pronomes, artigos e interjeições.

Por terem os árabes se tornado a classe dominante e militar, as maiores influências na língua incluíram um grande número de termos relativos à guerra e também às instituições jurídicas e sociais. Segundo Fonseca (2000), há, da mesma forma, “muitos termos relativos aos alimentos, às indústrias e ao comércio, à agricultura, às ciências e às técnicas, às artes, ao vestuário, animais, plantas, topônimos (sobretudo no centro e sul do país) e ainda alguns adjetivos”.

Em seu texto *Como, onde e quando nasceu a língua portuguesa?* Castilho afirma que “a tradição latina na península foi mantida pelos moçárabes. Através deles, os arabismos penetraram nas línguas ibero-românicas, e latinismos penetraram no árabe”. O autor ressalta também que “eles tiveram uma enorme importância no desenvolvimento da poesia lírica ibérica”.

Hoje se sabe que em língua moçárabe foram compostas as carjas ou findas, espécie de remates poéticos de 2, 3 ou 4 versos que acompanhavam as composições poéticas dos árabes e dos hebreus peninsulares, as moaxas, ou muaxahas. As carjas mesclavam palavras moçárabes, árabes e hebraicas, e mostram que nos sécs. XI e XII tinha existido uma lírica tradicional, a que viriam a assemelhar-se às cantigas d’amigo galego-portuguesas, que só surgiriam no século seguinte. Entretanto, este ponto segue inconcluso, não se podendo afirmar que a poética árabe peninsular deu surgimento a um movimento artístico que poderia ter sido criado pelos *Gallaeci*, anteriores aos árabes (CASTILHO, p. 23).

Castilho apresenta também uma lista de algumas contribuições da língua árabe que penetraram no português arcaico e são até hoje utilizadas:

- a) Pessoas e profissões: alfaiate, alferes, almoxarife (inspetor), assassino, fulano, xerife.
- b) Comidas: azeitona, açúcar, acém, álcool, almôndega, algodão, xarope, cuscuz.
- c) Agricultura: açafão, marfim, alcachofra, alcaçuz, alfafa, alfarroba, alfavaca, alfazema, acelga, alface, arroz, café, laranja, lima, romã, tâmara.
- d) Comércio e construções: leilão, alfândega, algarismo, açougue, armazém, bazar, caravana, xaveco (barco), cifra, álgebra, alforje, aduana, açude, azulejo, alcova, saguão, aldeia, alvenaria, barraca, mesquita, alicerce, argola, andaimes.
- e) Animais: alcateia, alcatraz, arraia (rebanho), atum, gazela, javali, papagaio.
- f) Expressões: oxalá (Insha'Allah), até
- g) Topônimos: Algarve, Alvalade, Alfama, Alcalá, Arrábida, Alcântara, Almada, Albufeira, Faro, Nora, Guadiana, Guadalquivir, Guadalajara, Medina, Gibraltar.
- h) Algumas palavras românicas são arabizadas e depois reentram no Português, como: Santa Iria > Xantarim > Santarém.

A seguir, as assimilações de alguns vocábulos:

Língua Árabe	Língua Portuguesa
al-mokhada	almofada
al-zayt	azeite
as-sukar	açúcar
laimun	limão

O árabe, nova língua de cultura, convive no mesmo espaço com um estrato linguístico de origem latina (o romance moçárabe), em situação de adstrato. Adstrato é um conceito que remete a um convívio pacífico entre línguas distintas num mesmo território, nenhuma língua suplanta a outra, elas se influenciam mutuamente.

Essa convivência se materializa numa contribuição lexical bastante significativa, como visto anteriormente. Diferente da romanização, não houve uma “arabização” da Península Ibérica. Ainda que os árabes tenham influenciado fortemente a cultura, do ponto de vista linguístico, esse contato pouco afetou o desenvolvimento das línguas românicas na península, exceto no que se refere ao léxico. Porém, é a presença árabe que marcará profundamente o cenário em que os romances peninsulares se desenvolvem. O moçárabe estava destinado a desaparecer com o avanço da reconquista cristã.

A influência na língua também pode ser verificada na Espanha, no Norte da África e no Oriente. A complexidade e importância do tema não se limita apenas ao léxico; a toponímia e a antroponímia também devem ser consideradas.

Atualmente, o número de palavras árabes na língua portuguesa diminuiu, pois a influência dessa língua foi muito maior nos substantivos do que na estrutura do português, que permaneceu latina. Com o declínio da influência muçulmana e com a enorme susceptibilidade que temos para incorporar estrangeirismos à nossa língua, as influências francesas, italianas e inglesas ultrapassaram as árabes, levando ao desaparecimento de muitos vocábulos. No Português da Idade Média sua presença era mais forte, comparada à língua portuguesa moderna.

3.3. No Brasil

Considerando que os aspectos culturais presentes na formação da cultura brasileira têm raízes em Portugal, a presença de uma cultura árabe no Brasil pode ser notada de diversas formas. A influência árabe ficou evidente em vários aspectos da sociedade Ibérica: astronomia, arquitetura, arte, culinária, medicina, química, religião, formação da língua portuguesa, etc. Esta herança moura foi trazida posteriormente para a América por portugueses e espanhóis.

Foram registrados dois movimentos marcantes da presença árabe no Brasil, o primeiro foi a chegada dos colonizadores portugueses e espanhóis e, no final do século XIX, a chegada de imigrantes sírios e libaneses. O Brasil os recebeu em razão dos conflitos decorrentes da presença do Império Turco-Otomano, que perseguia os cristãos, e também por conflitos que surgiram pela falta de terras férteis. Os imigrantes deixaram suas nações motivados principalmente pelas guerras. Depois disso, o fluxo de imigrantes aumentou e diminuiu durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundiais.

Mesmo depois das duas grandes guerras, os árabes continuaram a buscar seu novo lar no Brasil. Eles vieram durante a Guerra Civil libanesa, entre 1975 e 1990, depois no começo dos anos 2000, e, também, durante o conflito de 2011. No caso mais recente, porém, não se trata de imigrantes, mas de refugiados.

A pesquisadora em História Árabe, da Universidade de São Paulo (USP), Arlene Clemesha explica: “entre algumas das contribuições culturais dos árabes ao Brasil estão, por exemplo, a introdução da venda a prazo e aceitação de diversos tipos de produtos como pagamentos. Com o tempo, eles tornaram-se pequenos comerciantes, profissionais liberais e,

depois, alguns chegaram até mesmo a ser industriais”. Suas maiores influências atualmente são a herança gastronômica e os métodos de negociação.

4. Considerações finais

Após a ocupação muçulmana, a região da Península Ibérica transformou-se em um espaço de grande diversidade étnica e cultural. O ambiente multilinguístico, caracterizado pela hibridização, resultou em uma particularidade em relação a sua organização interna nas esferas administrativa, política e religiosa.

A poderosa e rápida expansão muçulmana mostrou-se muito eficaz nas conquistas dos territórios em torno do Mar Mediterrâneo, apesar de ter acontecido em meio a períodos conturbados por disputas de liderança dos califados após a morte do profeta Maomé.

A transmissão de arabismos às línguas locais foi favorecida devido à posição de domínio em que estavam os árabes, como conquistadores e detentores do poder político e econômico, cujo desenvolvimento técnico, científico e cultural estava em evidência. A prolongada duração e a intensidade desse contato resultaram no significativo número dos empréstimos linguísticos verificados nos falares e a variedade de campos semânticos demonstra as diversas áreas em que a influência cultural se fez presente.

A relação entre muçulmanos e cristãos que, como apontado neste trabalho, foi principalmente papel dos moçárabes, desencadeou em uma hibridização cultural, realizada tanto por cristãos quanto por muçulmanos. À medida que os moçárabes se arabizaram, os muçulmanos também incorporaram características de tradições ibéricas, como podemos observar durante o debate de autores mostrado no decorrer do texto. Desta forma, é possível afirmar que a mudança cultural na Península Ibérica no momento de pós-ocupação não ocorreu por substituição, mas sim por acréscimo cultural.

No âmbito linguístico, apesar de não ter havido uma arabização da península ibérica, foram apontadas as contribuições que os muçulmanos deixaram no léxico dos romances enquanto propagavam sua cultura e seus conhecimentos agrícolas, artísticos, culinários, científicos, etc. Se comparado à língua portuguesa moderna, o português da Idade Média contava com uma presença mais forte dos arabismos. Atualmente, por ter influenciado muito mais nos substantivos do que na estrutura da língua, o número de palavras árabes diminuiu consideravelmente. Com este declínio e com a suscetibilidade que temos para incorporar estrangeirismos à nossa língua, outras influências linguísticas ultrapassaram as árabes, como as inglesas e francesas, levando ao desaparecimento de muitos vocábulos.

REFERÊNCIAS

- ALFONSO-GOLDFARB, A. M. **Atanadores, cimitarras, minaretes: cultura árabe como tecido do saber sob o céu “medieval”**. Revista da SBHC, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, p. 33-40, jan/jun. 1991.
- ALVES, Carla Carvalho. **Figurações do mouro na literatura portuguesa: o lado errado no mareiro?** 2010. 235 f. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- ANBA. **De 1500 a 2020, árabes encontram no Brasil seu novo lar**. Disponível em: <https://anba.com.br/de-1500-a-2020-arabes-encontram-no-brasil-seu-novo-lar/>. Acesso em: 03 maio, 2022.
- CAIXETA, Elenice Maria. **ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA DA HISTÓRIA DA PENÍNSULA IBÉRICA MEDIEVAL E DA INFLUÊNCIA CULTURAL ÁRABE NO BRASIL**. Revista (Entre Parênteses), Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL, v. 2, n. 8, p. 01 maio, 2019.
- CASTILHO, Ataliba. **Como, onde e quando nasceu a língua portuguesa?** Disponível em: <http://museudalinguaportuguesa.org.br/estacao/educativo/biblioteca/lingua/> Acesso em: 19 abril, 2022.
- FONSECA, Fernando Venâncio. **História e Situação da Língua Portuguesa no Mundo**. Noções de História da Língua Portuguesa. Clássica Editora. Lisboa, 1959.
- MARANHÃO, Samantha. **Arabismos portugueses no contexto multilinguístico da Península Ibérica Medieval**. Caligrama, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 121-143, 2018.
- MENDES Paula, Frederico. **As influências do Árabe na Língua Portuguesa e locais portugueses com nomes árabes**. 2019. Disponível em: <https://www.vortexmag.net/as-influencias-do-arabe-na-lingua-portuguesa-e-locais-portugueses-com-nomes-arabes/> Acesso em: 02 maio, 2022.
- MOREIRA, Huerth. **A Cronística Moçárabe no século VIII: da Ocupação à Influência Muçulmana na Península Ibérica Medieval**. Santa Catarina, 2017.
- NÚÑEZ, María Antonia. **¿Por qué llegaron los árabes a la Península Ibérica?. Las causas de la conquista musulmana del 711**. AWRAQ n. 3. 2011.
- PORTO EDITORA. **Influência Árabe na Evolução da Língua Nacional**. Porto: Porto Editora. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$influencia-arabe-na-evolucao-da-lingua](https://www.infopedia.pt/$influencia-arabe-na-evolucao-da-lingua). Acesso em 30 abril, 2022.
- PORTO EDITORA. **Romanização da Península Ibérica**. Porto: Porto Editora. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$romanizacao-da-peninsula-iberica](https://www.infopedia.pt/$romanizacao-da-peninsula-iberica). Acesso em 02 maio, 2022.
- SILVEIRA, A. D. **Europeização e/ou Africanização da Espanha Medieval: diversidade e**

unidade cultural europeia em debate. História, Franca, v. 28, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v28n2/22.pdf>>. Acesso em: 14 abril, 2022.

ZIMMERMANN, Ana Paula. **A Formação do Estado Português e a Influência Islâmica na Região.** PUC Goiás.